

DOMINGO XVIII DO TEMPO COMUM

CIC 1333-1336: os sinais eucarísticos do pão e do vinho

- 1333** No centro da celebração da Eucaristia temos o pão e o vinho que, pelas palavras de Cristo e pela invocação do Espírito Santo, se tornam o corpo e o sangue do mesmo Cristo. Fiel à ordem do Senhor, a Igreja continua a fazer, em memória d'Ele e até à sua vinda gloriosa, o que Ele fez na véspera da sua paixão: «Tomou o pão...», «Tomou o cálice com vinho...». Tornando-se misteriosamente o corpo e o sangue de Cristo, os sinais do pão e do vinho continuam a significar também a bondade da criação. Por isso, no ofertório [apresentação das oferendas], nós damos graças ao Criador pelo pão e pelo vinho¹, fruto «do trabalho do homem», mas primeiramente «fruto da terra» e «da videira», dons do Criador. A Igreja vê no gesto de Melquisedec, rei e sacerdote, que «ofereceu pão e vinho» (*Gn* 14, 18), uma prefiguração da sua própria oferenda².
- 1334** Na Antiga Aliança, o pão e o vinho são oferecidos em sacrifício entre as primícias da terra, em sinal de reconhecimento ao Criador. Mas também recebem uma nova significação no contexto do Êxodo: os pães ázimos que Israel come todos os anos na Páscoa, comemoram a pressa da partida libertadora do Egito; a lembrança do maná do deserto recordará sempre a Israel que é do pão da Palavra de Deus que ele vive³. Finalmente, o pão de cada dia é o fruto da terra prometida, penhor da fidelidade de Deus às suas promessas. O «cálice de bênção» (*1 Cor* 10, 16), no fim da ceia pascal dos judeus, acrescenta à alegria festiva do vinho uma dimensão escatológica – a da expectativa messiânica do restabelecimento de Jerusalém. Jesus instituiu a sua Eucaristia dando um sentido novo e definitivo à bênção do pão e do cálice.
- 1335** Os milagres da multiplicação dos pães, quando o Senhor disse a bênção, partiu e distribuiu os pães pelos seus discípulos para alimentar a multidão, prefiguram a superabundância deste pão único da sua Eucaristia⁴. O sinal da água transformada em vinho em Caná⁵ já anuncia a «Hora» da glorificação de Jesus. E manifesta o cumprimento do banquete das núpcias no Reino do Pai, onde os fiéis beberão do vinho novo⁶ tornado sangue de Cristo.
- 1336** O primeiro anúncio da Eucaristia dividiu os discípulos, tal como o anúncio da paixão os escandalizou: «Estas palavras são insuportáveis! Quem as pode

¹ Cf. *Sl* 104, 13-15.

² Cf. *Oração Eucarística I ou Cânone Romano*, 95: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 453 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 521]

³ Cf. *Dt* 8, 3.

⁴ Cf. *Mt* 14, 13-21; 15, 32-39.

⁵ Cf. *Jo* 2, 11.

⁶ Cf. *Mc* 14, 25.

escutar?» (Jo 6, 60). A Eucaristia e a cruz são pedras de tropeço. É o mesmo mistério e não cessa de ser ocasião de divisão. «Também vos quereis ir embora?» (Jo 6, 67): esta pergunta do Senhor ecoa através dos tempos, como convite do seu amor a descobrir que só Ele tem «palavras de vida eterna» (Jo 6, 68) e que acolher na fé o dom da sua Eucaristia é acolhê-l'O a Ele próprio.

1691 «Reconhece, ó cristão, a tua dignidade. Uma vez constituído participante da natureza divina, não penses em voltar às antigas misérias da tua vida passada. Lembra-te de que cabeça e de que corpo és membro. Não te esqueças de que foste libertado do poder das trevas e transferido para a luz e para o Reino de Deus»⁷.

CIC 1691-1696: a vida em Cristo

1692 O Símbolo da fé, professou a grandeza dos dons de Deus ao homem na obra da criação e, mais ainda, na da redenção e santificação. O que a fé confessa, os sacramentos comunicam-no: pelos «sacramentos, que os fizeram renascer», os cristãos tornaram-se «filhos de Deus» (1 Jo 3, 1)⁸, «participantes da natureza divina» (2 Pe 1, 4). Reconhecendo pela fé a sua nova dignidade, os cristãos são chamados a levar, doravante, uma «vida digna do Evangelho de Cristo»⁹. Pelos sacramentos e pela oração, recebem a graça de Cristo e os dons do seu Espírito, que dela os tornam capazes.

1693 Cristo Jesus fez sempre aquilo que era do agrado do *Pai*¹⁰. Viveu sempre em perfeita comunhão com Ele. De igual modo, os seus discípulos são convidados a viver sob o olhar do Pai, «que vê no segredo» (Mt 6, 6), para se tornarem «perfeitos como o Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 47).

1694 Incorporados em *Cristo* pelo Baptismo¹¹, os cristãos «morreram para o pecado e vivem para Deus em Cristo Jesus»¹², participando assim na vida do Ressuscitado¹³. Seguindo Cristo e em união com Ele¹⁴, os cristãos podem esforçar-se por ser imitadores de Deus, como filhos bem amados, e por proceder com amor¹⁵, conformando os seus pensamentos, palavras e acções com os sentimentos de Cristo Jesus¹⁶ e seguindo os seus exemplos¹⁷.

1695 «Justificados pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (1 Cor 6, 11), «santificados e chamados a serem santos»¹⁸, os cristãos tornaram-se «templo do *Espírito Santo*» (1 Cor 6, 19). Este, que é o «Espírito

⁷ SÃO LEÃO MAGNO, *Sermo* 21, 3: CCL 138, 88 (PL 54, 192-193).

⁸ Cf. Jo 1, 12.

⁹ Cf. Fl 1, 27.

¹⁰ Cf. Jo 8, 29.

¹¹ Cf. Rm 6, 5.

¹² Cf. Rm 6, 11.

¹³ Cf. Cl 2, 12.

¹⁴ Cf. Jo 15, 5.

¹⁵ Cf. Ef 5, 1-2.

¹⁶ Cf. Fl 2, 5.

¹⁷ Cf. Jo 13, 12-16.

¹⁸ Cf. 1 Cor 1, 2.

do Filho», ensina-os a orar ao Pai¹⁹ e, tendo-Se feito vida deles, impele-os a agir²⁰ para produzirem os frutos do Espírito²¹ mediante uma caridade activa. Curando as feridas do pecado, o Espírito Santo renova-nos interiormente por uma transformação espiritual²², ilumina-nos e fortalece-nos para vivermos como «filhos da luz» (Ef 5, 8) «em toda a espécie de bondade, justiça e verdade» (Ef 5, 9).

1696 O caminho de Cristo «leva à vida»; um caminho contrário «leva à perdição» (Mt 7, 13)²³. A parábola evangélica dos *dois caminhos* está sempre presente na catequese da Igreja. E significa a importância das decisões morais para a nossa salvação. «Há dois caminhos, um da vida, outro da morte; mas entre os dois existe uma grande diferença»²⁴.

¹⁹ Cf. Gl 4, 6.

²⁰ Cf. Gl 5, 25.

²¹ Cf. Gl 5, 22.

²² Cf. Ef 4, 23.

²³ Cf. Dt 30, 15-20.

²⁴ *Didaké* 1, 1: SC 248, 140 (FUNK 1, 2).

